GILLETTE & L'ORÉAL,

WOMEN USA

VOL. V

North Carolina • North Dakota • Ohio • Oklahoma
Oregon • Pennsylvania • Rhode Island • South Carolina



FERDINANDO FREGA

GILLETTE & L'ORÉAL, WOMEN USA — VOL. V

L'ORÉAL THROUGH GILLETTE · 16

Carolina do Norte, Dakota do Norte, Ohio, Oklahoma, Oregon, Pensilvânia, Rhode Island, Carolina do Sul. A quinta etapa da travessia americana, de costa a costa e de volta.

Capítulo Zero — abertura comum

Este capítulo de abertura é comum aos seis volumes de Mulheres dos Estados Unidos. Está reproduzido aqui na íntegra, e recolhido para que a série possa ser lida em sequência sem repetições.

CAPÍTULO ZERO

Aqui, o mundo não é um território: é um limite. O Polo Norte não acolhe, não perdoa, não deixa margem para o erro. O branco reina como uma entidade absoluta, silenciosa e sem memória. A temperatura não é um dado meteorológico: é um predador. A noite dura meses, esmaga os pensamentos, distorce os contornos das pessoas, engole a vontade delas.

As comunidades são poucas, pequenas e fechadas. Inuítes, yupiks, povos árticos vivem onde ninguém escolheria ficar. Aqui, cada indivíduo é essencial para a sobrevivência do grupo. Se você não é útil, vira um fardo. E quem vira fardo desaparece no silêncio, na neve, na lógica de um ambiente que não faz concessões.

As bases científicas acrescentam outro tipo de frio: o das hierarquias. Aqui, uma mulher é uma presença rara, uma

anomalia que precisa se adaptar ou sucumbir.

Neste lugar, o conceito de “desaparecimento” não existe. Existe só o branco que apaga tudo.

Mulheres inuítes e yupiks

A menina ártica não é mimada: é preparada. Aprende cedo a resistir ao frio, à escuridão e à fome. Precisa se tornar útil para o clã, porque aqui a identidade não é pessoal. É funcional. A mulher carrega o peso da família e da comunidade: comida, fogo, filhos, peles, cuidados. Ninguém fala de direitos. Ninguém fala de fragilidade. A depressão existe, mas não tem nome. A violência existe, mas não tem testemunhas.

A mulher das bases científicas

Instruída, competente, acostumada à disciplina. Chega como pesquisadora, técnica e médica. Descobre logo que o Polo Norte não reconhece diplomas. Aqui, só conta a dureza mental. As hierarquias masculinas a dominam, e qualquer sinal de fraqueza é interpretado como fraqueza. É um ambiente onde a força não basta: exige-se um autocontrole extremo.

A mulher ocidental “de fora”

Criada em liberdade, chega achando que pode vencer o frio. Mas o lugar a quebra: solidão, espaços minúsculos, silêncios sem fim. As bases não são comunidades, são mecanismos. E uma mulher, dentro de um mecanismo projetado por homens, precisa lutar para não desaparecer.

A viagem até o fim do mundo

Meu vizinho, Antonio, conhecido como Nino, falava havia anos do Cabo Norte, do sol da meia-noite, dos meses sem escuridão. Era

um sonho que ele guardava no bolso, como uma coisa impossível. Numa manhã de maio, toquei a campainha dele e disse só isto: "Faça a mala. Volto daqui a uma hora. Estaremos de volta em 30 dias." Ele me olhou, surpreso, feliz. A mulher dele, preocupada, perguntou quais eram os nossos planos. "Correr atrás de um sonho", respondi.

Entramos no carro. Nossas mulheres nos olhavam como se fôssemos loucos. Mas esta viagem era real. Nino já estava cheio de perguntas. "Para onde vamos? Quanto dinheiro devo levar?" "Relaxe", eu lhe disse. "Chegamos em 54 horas. Só 5.000 km. Estamos no Range Rover novo. Aproveite a viagem."

A cada 300 km eu tinha que parar: ele, doze anos mais velho que eu, tinha o seu próprio ritmo. Eu tinha água e líquidos; ele tinha café e necessidades físicas. E quanto mais avançávamos, mais ele falava da sua vida. Coisas que eu nunca teria sabido se não fosse aquela estrada sem fim.

Dois homens sozinhos num carro falando sempre de mulheres. Ele só tinha conhecido a esposa. Eu ri. Eu o tranquilizei: "Nós somos do mesmo jeito."

Ele me perguntou como eu conseguia continuar lúcido dirigindo 60 horas. Contei a ele sobre a Rússia, quando aos 22 anos dirigi 51 horas para encontrar uma mulher que eu nunca tinha visto. "As distâncias não são limites", eu lhe disse, "são desculpas. Eu nunca tive nenhuma."

A chegada ao branco

Entramos na Noruega. Um albergue na estrada. Deixaríamos o carro ali e seguiríamos de trenó.

A guia estava toda coberta, impenetrável. Quando tirou os óculos, descobri que era uma mulher. Uma norueguesa, calada, direta, glacial. Nino no meio do trenó, ela na frente, eu com meus 190 cm atrás, fechando a fila.

Ainda era dia. O relógio marcava a hora, mas não me dizia se era noite ou manhã. Era o sol da meia-noite. Tínhamos chegado ao Cabo Norte.

Nino chorou. Me abraçou. Eu lhe disse, rindo: “Cuidado… o pessoal pode achar que somos gays.” Rimos, mas estávamos no fim do mundo.

Depois veio o gelo: –52 °C.

A entrada no verdadeiro Ártico

Nos levaram a um contêiner de metal para trocar de roupa. Macacões pesadíssimos, acolchoados, fechados com zíperes complicados.

Paguei pela guia. Nino ficou num iglu com alguns homens; eu fiquei em outro com uma família: um velho, entre 70 e 80 anos, e três mulheres entre 30 e 50.

Era um mundo fechado. Simples. Brutal.

O homem ficava de lado. As mulheres davam o ritmo. E o banheiro era um morrinho a cinco metros do iglu: o cocô congelava antes de tocar o chão. Meu primeiro xixi virou uma estrela ártica amarela. Era o Norte me cumprimentando.

A mulher de meia-idade, Magi, falava um pouco de inglês. O resto eram gestos, olhos, mãos. A língua do frio.

Quando eu não sabia direito como usar o macacão, ela, sem pensar, tocou minha virilha para me mostrar um zíper escondido.

Não havia malícia, nem constrangimento: só função. Sobrevivência.

Os três dias no iglu

Trouxeram comida. Peixe defumado, peixe cru, fígado de bacalhau, barriga de baleia. E bolinhas de tubarão. Não havia escolha. Não havia alternativa. Era o que a natureza oferece.

Depois bebi: um líquido vermelho. Achei que era vinho. Era sangue de baleia filtrado, fervido, adoçado. Bebi. Me deu uma força que eu nunca tinha sentido. Uma energia primordial. Achei que era cocaína. Não. Era o Norte entrando no corpo.

As mulheres me observavam. O velho saía para caçar. Eu descansava e bebia sangue. Três dias sem telefone, internet, computador, sem Nino. Só eu e elas.

Não havia noite. Só luz, fogo, gelo e respiração.

As três mulheres se deitaram para dormir. Procurei um lugar. A mais nova levantou o braço e me fez sinal para chegar mais perto. Elas caíram na risada. Eu não entendi. Disseram que eu era o "Natal" delas.

Um jeito de dizer que eu tinha sido aceito.

Tentei dar a elas algum dinheiro para agradecer. Recusaram. Só queriam um abraço. E algumas palavras em calabrês para se sentirem mais perto.

Ali entendi o valor dos verdadeiros presentes: os que não se compram nem se vendem.

A despedida da guia

Depois de três dias, a guia chegou. Falou com as três mulheres durante uma hora. Eu estava lá fora. Não entendia o que diziam. Não era da minha conta. Era a língua delas, o mundo delas, a lei delas.

No contêiner, enquanto eu me despia, a guia entrou. Curiosa. Direta. Nórdica. Me abraçou com força. Me beijou. A pele dela era branca como leite. Os olhos, azuis como o céu de agosto.

Ela me pediu que a levasse embora. Teria feito qualquer coisa para sair daquele mundo.

Sorri com respeito. Eu não podia. Não devia.

Deixei a ela só uma promessa: “Se precisar de alguma coisa, me escreva uma carta. Eu ajudo você.” Ela recusou até o dinheiro. Era uma mulher linda, mas sozinha. Uma solidão que não se vê de longe. Uma solidão que o frio não perdoa.

A volta para casa

Fomos buscar Nino. Ele estava radiante. Não queria voltar. Mas eu tinha um compromisso com a mulher dele.

Ele contou a todo mundo os seus três dias. Eu fiquei calado. Nunca compartilhei nada com o homem. Só com o papel.

E assim, enquanto Nino voltava para o seu mundo, eu já estava a caminho de outro. Outro destino. Outro encontro.

Bem-vindo.

Epílogo

O Norte não leva você: ele transforma você. E nunca

devolve você inteiro. Os homens vão ao Polo Norte em busca de luz, de silêncio, de fotografias, de sonhos. As mulheres ficam para sobreviver.

Os homens contam o que viram. As mulheres calam o que viveram.

Os homens voltam. As mulheres ficam. Ficam no frio, nas casas de neve, em silêncios que ninguém ouve. Ficam para sustentar comunidades que não as celebram. Ficam para proteger crianças, velhos, estranhos. Ficam invisíveis.

Trouxe de lá uma única lembrança: uma mulher linda, incrivelmente linda, mas sozinha. Não no sentido romântico. No sentido humano. No sentido trágico.

Reflexão

O Norte não mata o corpo. Mata a presença. E o que resta é o branco: um lugar onde as mulheres vivem e desaparecem ao mesmo tempo.

É por isso que escrevo. Porque os lugares extremos não contam a própria história. E quem os atravessa não pode se dar ao luxo de ficar calado.

Eu não. Eu não. Minha terra me deu à luz, e o resto do mundo me acolhe não como hóspede, mas como alguém da família.

Do branco absoluto do Norte, desci para a confusão absoluta dos Estados Unidos.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

A missão impossível

Trabalhar dezoito anos para uma empresa americana dá a você algo que nenhuma outra empresa no mundo consegue dar: uma cultura de trabalho, procedimentos, uma missão clara e um sistema de valores que não são teoria — são prática diária. Eles não explicam esses valores a você; eles os constroem em você. E fazem isso sem pedir a sua permissão.

Eu estava no escritório de Nova York quando me ofereceram um trabalho que eu nunca tinha imaginado. Não uma promoção. Não uma transferência. Um experimento.

Um programa confidencial, criado para validar um modelo de relações humanas dentro dos Estados Unidos. Não tinham escolhido gerentes, psicólogos nem instrutores. Tinham escolhido pessoas com um certo tipo de experiência real. E o meu nome apareceu — mesmo eu estando em vendas havia dezoito anos. Eles não olhavam o cargo: olhavam a mente.

O teste era simples de explicar e dificílimo de cumprir:

visitar os 50 estados americanos em um ano, escolhendo eu mesmo as cidades e ficando pelo menos uma semana em cada uma.

As duas últimas semanas seriam férias obrigatórias. Eles cobririam todas as despesas. Eu só tinha que viver, observar, entender e entregar um relatório toda segunda-feira. Um relato humano, seco, preciso.

Assinei o contrato. Avisei em casa. Não perguntaram nada. Só queriam saber se as provisões do mês tinham chegado. Eu estava

prestes a enfrentar um ano na América. Elas, como sempre, estavam enfrentando o mês seguinte.

Por precaução, o meu salário era depositado direto na minha conta bancária na Itália. Era um jeito educado de me dizer: “Não faça besteira. Viva com o que você tem. Vamos ver quem você é de verdade.”

Só quinze anos depois tive acesso aos meus relatórios originais, às análises e ao material que tinham reunido sobre mim. Este livro nasceu daí. Obtive a autorização para publicá-lo, com uma condição: nunca dizer o nome da empresa que o encomendou.

Não importa. Esta história não é sobre logotipos. É sobre um homem num país impossível de entender a menos que você o viva na própria pele.

Começo pelo ponto mais distante?

A escolha lógica era começar pelas margens, não pelo centro. Por dois motivos simples:

1. Eu tinha acabado de sair do experimento: lucidez alta, atenção máxima.

2. Começando pelo extremo, eu podia corrigir a rota e terminar a viagem de forma limpa.

Eu não precisava começar por Boston ou Chicago. Precisava começar por uma fronteira. Por um lugar que só era América no papel.

Escolhi Juneau, a capital do Alaska. Isolada. Alcançável só de barco ou de avião. Uma cidade que não pertence a ninguém. O lugar perfeito para começar.

Otimizar os recursos

Antes de partir, fiz aquilo que um americano respeita acima de tudo: me organizei como um profissional, não como um turista.

Liguei para três das companhias aéreas mais populares, as que têm as maiores redes domésticas. Em menos de uma hora, comprei um carnê de cinquenta voos domésticos com 60% de desconto.

Sem limite de tempo. Sem limite de dias. Sem restrições. Só uma condição: usá-los dentro de um ano.

Fiz o mesmo com as redes de hotéis, o Uber e as locadoras de carros, e depois preparei um cronograma de verdade das etapas, dos meios, mas não dos horários.

Eu estava pronto.

Foi o meu primeiro sucesso de verdade. O primeiro sinal de que eu sabia me mover. A América recompensa quem age, não quem espera.

Quando a empresa viu a transação, fez o que a cultura americana sempre faz: verificou a confiabilidade.

Eu era capaz de administrar um ano de deslocamentos constantes? Era capaz de lidar com imprevistos, distâncias e emergências? Era independente?

Por isso, antes de partir, acertei outro detalhe crucial:

Garanti um limite mensal de pelo menos 100.000 dólares no meu cartão de crédito.

Não era para ser gasto. Era para demonstrar que eu sabia administrá-lo. Os americanos pensam assim: se você não tem

autonomia, não tem liberdade. E se não tem liberdade, não pode ser avaliado.

A partir daquele momento, o programa deixou de ser uma tarefa. Virou uma missão.

E AGORA VIAJAMOS DE VERDADE

O Alaska faz parte dos Estados Unidos só pela geografia. É outro mundo.

É o lugar onde as mulheres desaparecem sem deixar rastro. Onde uma denúncia nunca chega ao destino. Onde as cidades são apenas ilhas civilizadas no meio de um continente selvagem.

Juneau foi o meu primeiro teste: uma capital sem estradas que a liguem ao resto do país. Um pedaço da América que não parece América.

Aqui comecei a entender uma coisa: a viagem não seria geográfica. Seria humana.

BLOCO 1 (Volume I)

Alabama – Alaska – Arizona – Arkansas – Califórnia – Colorado – Connecticut – Delaware – Flórida – Geórgia

BLOCO 2 (Volume II)

Havaí – Idaho – Illinois – Indiana – Iowa – Kansas – Kentucky – Louisiana – Maine – Maryland

BLOCO 3 (Volume III)

Massachusetts – Michigan – Minnesota – Mississippi – Missouri – Montana – Nebraska – Nevada – New Hampshire – Nova Jersey – Novo México

BLOCO 4 (Volume IV)

Nova York – Washington

BLOCO 5 (Volume V)

Carolina do Norte – Dakota do Norte – Ohio – Oklahoma – Oregon – Pensilvânia – Rhode Island – Carolina do Sul

BLOCO 6 (Volume VI)

Dakota do Sul – Tennessee – Texas – Utah – Vermont – Virgínia – Virgínia Ocidental – Wisconsin – Wyoming

CAROLINA DO NORTE

A Carolina do Norte é um estado que vive em dois trilhos. De um lado está a "nova América": pesquisa universitária, tecnologia, startups, médicos, engenheiros, pesquisadores e cidades modernas, em crescimento. Do outro, existe a "velha América": – campo pobre – comunidades isoladas – tradições pesadas – trabalho físico – saúde distante – papéis ainda rígidos. Elas não convivem. Ignoram-se. Aqui as mulheres desaparecem conforme o lugar onde nascem: – na modernidade, pela pressão e pela competitividade– na vida rural, pelo isolamento e pela tradição– nas cidades médias, pelo trabalho mal pago e pela falta de serviços– nas comunidades negras históricas, por uma luta dupla: racial e de gênero.

A Carolina do Norte é educada na superfície e feroz nos detalhes.

A mulher do Triângulo da Pesquisa – 33 anos

Sara é analista de dados numa startup. Estudiosa, brilhante e bem preparada, trabalha num ambiente que se vende como progressista, "europeu" e moderno.

A verdade: – jornadas longas – expectativas sem fim – metas que mudam toda semana – gerentes jovens que queimam as pessoas sem perceber – mulheres que precisam se esforçar o dobro para ter metade do reconhecimento.

Sara estudou, investiu anos, sacrificou a vida e o tempo. E agora está num sistema que a aplaude e a consome no mesmo dia.

A ausência dela é profissional: é essencial para construir o futuro, mas não tem uma rede que a proteja.

A mulher rural – 49 anos

A cem quilômetros da modernidade existe outra Carolina do Norte. Casas distantes, campos de tabaco e de soja, invernos longos, verões duros. Ruas sem calçadas, sem lojas, sem nada.

Linda mora numa dessas regiões. Trabalha meio período numa loja local. Percorre quilômetros para tudo: médico, farmácia, escola, banco. O dia dela está todo nas suas costas: – filhos – casa – idosos – trabalho – tarefas – emergências que ela resolve sozinha.

Ela não pode escolher. Não pode mudar. Não pode quebrar a rotina imposta pelos quilômetros.

A ausência dela é geográfica: mora longe demais para ser vista.

A mulher afro-americana da cidade média –

38 anos. Kim trabalha num call center em Charlotte. Trabalha com roteiros, cronômetros, métricas e supervisores que controlam cada pausa.

Tem dois filhos e uma mãe para cuidar. A cidade cresce, as empresas chegam, os arranha-céus sobem. Mas as oportunidades

reais não chegam até ela.

A Carolina do Norte fala de desenvolvimento, mas esse desenvolvimento passa por cima das comunidades negras sem parar.

Kim sustenta: – um trabalho emocionalmente esgotante – a escola dos filhos – o cansaço diário – custos que sobem – uma mobilidade social que não existe de verdade.

A ausência dela é racial e econômica: é o pilar da cidade, mas nunca chega ao topo.

A mulher do litoral – 41 anos

Tanya mora no litoral. O mar é bonito, as casas são bem cuidadas e o turismo é forte. Mas a vida real é outra coisa.

Trabalha num resort: – quartos – lavanderia – limpeza – recepção de turistas – turnos longos – salários baixos

O verão é sobrecarga. O inverno é silêncio e contas que não fecham.

O litoral da Carolina do Norte é fotogênico, mas se apoia no suor de mulheres que nunca vão ver essa riqueza.

A ausência dela é econômica: tudo gira em torno do turismo, mas quem o sustenta não recebe o que lhe é devido.

Epílogo – Carolina do Norte

A Carolina do Norte é um estado dividido por dinâmicas distantes demais umas das outras. As mulheres pagam o preço em toda parte: na tecnologia que promete oportunidades mas nenhum apoio, no campo que isola, nas cidades que crescem sem inclusão e no litoral que vive de temporadas curtas e duras.

É um apagamento ao mesmo tempo moderno e antigo. As mulheres são forças motrizes em cada canto do estado, mas o estado as considera uma presença necessária.

Reflexão – Carolina do Norte

Cada estado do volume retrata uma forma diferente de ausência. A Carolina do Norte mostra aquela que nasce da distância interna: o abismo entre ricos e pobres, entre cidade e campo, entre o novo e o velho, entre o que o estado promete e o que oferece.

A mulher vive sempre no meio. É a linha que une mundos que não se falam. E justamente porque segura tudo junto, ninguém a coloca no centro.

Este capítulo serve para dizer isso sem filtros: a modernidade, sozinha, não liberta ninguém. É preciso reconhecer quem a sustenta de verdade.

DAKOTA DO NORTE

A Dakota do Norte é uma terra que não perdoa. Invernos extremos, ventos que cortam a pele, estradas longas e vazias, cidades pequenas e remotas, comunidades nativas invisíveis e campos de petróleo dominando a paisagem.

É um estado onde as mulheres vivem entre duas forças opostas: a natureza que manda e uma sociedade que não muda.

É um lugar que recompensa a resistência mais do que a felicidade. E dentro dessa lógica as mulheres desaparecem nos detalhes do dia a dia: – em empregos mal pagos – na solidão geográfica – na falta de serviços – em papéis familiares duros – em comunidades isoladas – nos ritmos impostos por uma economia dominada pelos homens.

A Dakota do Norte não é má. É áspera. E na sua aspereza, muitas mulheres são engolidas sem fazer barulho.

A mulher da plataforma de petróleo – 35 anos

Jessica mora em Williston, a cidade do petróleo. Trabalha como coordenadora numa instalação. É uma das poucas mulheres num lugar dominado por homens, com turnos pesados, caminhões enormes, oficinas e barulho constante.

Cada dia é uma prova: – piadas inapropriadas – comentários inúteis – um respeito que você precisa conquistar dez vezes – risco no trabalho – privacidade zero.

O salário é bom, mas o custo humano é enorme. Ela não tem amigos de verdade. Não tem relações estáveis. Não tem uma rede de apoio.

A ausência dela é social: cercada de homens, e mesmo assim sozinha.

A mulher nativa – 40 anos

Muitas comunidades nativas da Dakota do Norte vivem esquecidas. Faltam moradias, faltam oportunidades, as escolas são fracas e os hospitais ficam longe. As mulheres nativas carregam uma herança de feridas que o estado nunca curou.

Alana tem quatro filhos. Trabalha meio período num centro comunitário. A história do seu povo está escrita em toda parte: nos rostos, nos silêncios, nas ausências.

Os problemas são constantes: – desemprego – dependências generalizadas – apoio do estado quase inexistente – infraestrutura frágil – depressão social.

A ausência dela é histórica e estrutural: a cultura é forte, mas o presente a ignora.

A mulher das cidadezinhas – 50 anos

A Dakota do Norte é feita de cidades que não aparecem nos mapas. Cinco ruas, uma escola, uma igreja e um posto de gasolina.

Karen mora numa delas. Trabalha num pequeno mercadinho. Todos os dias vê as mesmas pessoas, os mesmos gestos, as mesmas conversas.

Para encontrar um hospital, é preciso dirigir uma hora. Para encontrar outro emprego, mais ainda. Para encontrar qualquer coisa minimamente nova, são duas horas.

A ausência dela é geográfica: ela não tem alternativas. A vida dela é definida pelo lugar onde mora.

A mulher da fronteira agrícola – 47

anos

Megan mora na região mais agrícola do estado. Campos sem fim, tratores, plantações, neve que cai cedo demais.

Trabalha na fazenda: – animais – ferramentas – estábulos – manutenção – contas – cozinha – família – emergências para administrar sempre.

Aqui a mulher da fazenda carrega mais do que o dobro do peso que aparenta. E braços, cabeça, gestão, espinha dorsal. Mas tudo isso é descrito como “ajuda na fazenda”.

A ausência dela é cultural: faz tudo, mas nunca é reconhecida como parte central da economia.

Epílogo – Dakota do Norte

A Dakota do Norte é um estado que não protege. Exige força, exige resistência, exige paciência. A mulher responde com dedicação total, mas o estado não responde a ela.

Da plataforma de petróleo à reserva nativa, das cidadezinhas às fazendas isoladas, as mulheres não desaparecem: são absorvidas pelo território, como se a presença delas fosse óbvia.

Reflexão – Dakota do Norte

Toda ausência tem uma causa. Na Dakota do Norte, a causa é a própria terra: grande, dura, remota, ineficiente, masculina na sua economia, lenta na sua mudança.

A mulher vive numa paisagem que não tem lugar para a fragilidade, numa sociedade que considera o seu suor uma parte inevitável do cenário.

Não é invisível porque não vale: é invisível porque aqui a terra é maior do que as pessoas.

E este capítulo serve para nos lembrar: a força não é uma escolha. Em certos lugares, é a única opção.

OHIO

Ohio é um espelho da América silenciosa. É um estado de cidades industriais em colapso, subúrbios sem rumo, famílias vazias, jovens que fogem e empregos que já não garantem nada. É uma terra que antes produzia tudo e agora produz espera: espera de um futuro melhor, espera de uma oportunidade que nunca chega, espera de uma mudança que avança devagar, parada.

Aqui a mulher segura partes que deveriam ser sustentadas pelo estado: – famílias despedaçadas – rendas instáveis – comunidades feridas pelas drogas – casas caindo aos pedaços – escolas com dificuldades – serviços sociais saturados.

Ohio não mata a mulher. Tira o fôlego dela. Devagar, em silêncio, um pouco a cada dia.

A mulher da cidade industrial em colapso – 46

anos

Michelle mora em Cleveland, num bairro que antes fervilhava de trabalho. O pai dela trabalhava numa fábrica. O avô também. Depois tudo mudou: transferências, fechamentos, falências.

Agora ela trabalha num supermercado: turnos variáveis, salário baixo, nenhuma segurança. Todo mês precisa fazer contas cirúrgicas para não quebrar.

A casa é velha, o bairro é frágil, as oportunidades são poucas.

A ausência dela é econômica e geracional: vive no ponto exato em que toda uma identidade industrial desabou, levando junto as mulheres que não puderam escolher um futuro diferente.

A mulher que cria uma família durante a crise

dos opioides – 38 anos. Ohio é uma das capitais americanas da epidemia de opioides. Empresas farmacêuticas, médicos complacentes, comunidades frágeis: uma explosão lenta que devastou famílias inteiras.

Emily mora em Dayton. O marido dela morreu de overdose três anos atrás. Ela tem dois filhos e trabalha como recepcionista numa

clínica. Todos os dias vê rostos conhecidos: mães desesperadas, jovens destruídos, pais que não conseguiram.

Ohio fala de “crise dos opioides”. Ela fala de ausência: um homem perdido, uma família despedaçada, um peso que cai inteiro sobre os ombros dela.

A ausência dela é emocional e social: mantém os filhos em casa e o trabalho de pé, enquanto o sistema que criou o problema não faz nada para resolvê-lo.

A mulher branca pobre do subúrbio – 28 anos

Samantha mora num subúrbio que parece saído de um filme sem graça: Walmart, postos de gasolina, casas pré-fabricadas, lanchonetes de fast food, estacionamentos sem fim.

Ela trabalha num McDonald’s. Turnos repetidos, movimentos automáticos, clientes nervosos e mudanças de gerência todo mês. Ganha o bastante para sobreviver, mas nunca o bastante para crescer.

A mãe dela já não trabalha. O companheiro vai e vem. Ela tem sonhos e não sabe onde colocá-los. A ausência dela é coletiva: está cercada de pessoas na mesma situação, e isso torna o esforço ainda mais invisível.

Ninguém vê o que é normal para gente demais.

A Mulher da Zona Agrícola – 54 anos

Fora das cidades, existe um Ohio que vive da agricultura, da pequena pecuária e do trabalho braçal. Aqui, as mulheres cuidam de tudo: contabilidade, animais, lavouras, filhos, idosos e casa.

Linda mora numa fazenda perto de Lancaster. Os filhos já são adultos, o marido trabalha fora, e ela fica para administrar tudo o que a terra exige.

Ela trabalha sete dias por semana, no calor, no frio, na chuva e na neve. Não existe dia de folga. Não existe descanso mental. Não existe reconhecimento.

A ausência dela é cultural: dá-se como certo que a mulher do campo "dá conta". Sim, ela deu conta. Mas o preço é sempre dela.

Epílogo – Ohio

Ohio é um estado do qual muito foi tirado, e que aprendeu a tirar de quem tem menos voz.

As mulheres aqui não pedem milagres. Pedem estabilidade, proteção, oportunidades reais. Recebem fragmentos disso.

Das cidades industriais decadentes aos bairros devastados pelos opioides, aos subúrbios brancos sem futuro, às terras agrícolas que nunca descansam as mulheres seguram aquilo que o estado já não sustenta.

Reflexão – Ohio

A ausência das mulheres em Ohio não é fruto de uma causa única. É fruto da soma de todas as rupturas: econômica, social, sanitária, familiar e comunitária.

Aqui a mulher vive na fratura entre o que Ohio foi e o que já não pode se tornar.

É uma ausência que não faz barulho, porque se tornou normal.

E a tarefa destas páginas é exatamente esta: tornar visível o invisível, dar um rosto a quem sustenta tudo sem nunca ser

nomeada.

OKLAHOMA

Oklahoma vive em tensão constante entre passado e presente. É um estado cheio de terra, vento, igrejas, comunidades rurais, cidades médias em transformação e uma herança indígena que o estado só reconheceu pela metade. É uma terra castigada por todo tipo de tempestade: econômica, climática, social e cultural.

E toda tempestade cai sempre sobre os mesmos ombros: os das mulheres.

Em Oklahoma, as mulheres são emparedadas em papéis rígidos, esmagadas por uma pobreza generalizada, tornadas invisíveis por uma religião que fala muito de família, mas pouco de proteção real. É um estado que vive de resistência, e as mulheres são os seus pilares mais desgastados.

A Mulher do Bible Belt – 32 anos

Hannah nasceu num mundo em que tudo já estava decidido: como se vestir, como falar, como se comportar, em que acreditar, o que evitar.

Família, comunidade, igreja: três círculos concêntricos que definem a vida dela.

Ela tem um marido, dois filhos e uma casa modesta. O dia dela é marcado por: – a escola das crianças – as compras do mercado – a igreja – o voluntariado obrigatório – os deveres familiares – zero espaço mental.

Ela não pode expressar dúvidas. Não pode escolher de verdade. Não pode sair da gaiola sem ser julgada como traidora da

comunidade.

A ausência dela é cultural e espiritual: ela vive em presença constante, mas como figura funcional, não como pessoa plena.

A Mulher Indígena – 45 anos

Oklahoma tem uma das maiores populações indígenas norte-americanas do país. Mas a distância entre cultura e prosperidade é enorme.

Kayla é membro da Cherokee Nation. Trabalha num centro cultural. Mantém vivos a língua, as tradições, os rituais e as histórias.

Fora daquele mundo, porém, a realidade é dura: – escolas com pouco dinheiro – saúde frágil – dependências generalizadas – empregos mal pagos – discriminação sutil e constante. Ela sustenta a comunidade, a família e a identidade. E ninguém a protege como ela merece.

A ausência dela é histórica: o Estado construiu a sua identidade sobre os povos indígenas e depois os deixou sozinhos.

A Mulher das Áreas Atingidas por Tornados – 39 Anos

Oklahoma é um dos estados mais atingidos por tornados. Pode acontecer todo ano, em toda estação. E quando acontece, arrasa tudo.

Rachel mora numa área atingida repetidas vezes. Perdeu duas casas na vida: uma quando criança, outra já adulta.

Ela trabalha como professora. E todo ano precisa treinar os alunos para os exercícios: esconder-se, proteger-se, ignorar o som do

medo.

A vida dela é feita de reconstruções: de casas, de rotina, de estabilidade.

A ausência dela é climática: aqui manda a natureza, e quem paga as consequências são sempre as famílias, ou seja, as mulheres.

A Mulher de Baixa Renda – 29 anos

Brooklyn — um nome comum na região, não uma cidade — mora num subúrbio de Tulsa. Casas velhas, ruas esburacadas, ônibus que passam quando querem.

Ela trabalha numa lanchonete de fast-food. Turnos partidos, mudanças de horário de última hora, salário mínimo. Tem uma filha de três anos. A creche custa mais do que o salário dela. Ela tem duas opções: deixar a menina com alguém em quem não confia ou perder o emprego. O mundo dela é feito de: – contas atrasadas – vale-alimentação – correria – ansiedade constante – sonhos pequenos, mas nunca realizáveis.

A ausência dela é econômica e sistêmica: Oklahoma empurra para a frente quem já chegou lá e deixa para trás quem nasce nesses subúrbios.

Epílogo – Oklahoma

Oklahoma é um estado que parece simples, mas é um dos mais duros para se viver.

As mulheres são prisioneiras de três forças imensas: – a religião que as aprisiona – a pobreza que as esgota – o clima que as destrói.

Toda reconstrução, todo socorro, todo equilíbrio frágil passa por ela. Mas o Estado raramente devolve alguma coisa.

Reflexão – Oklahoma

A ausência feminina em Oklahoma nasce de uma mistura perigosa: tradição forte, pobreza persistente, identidades indígenas invisíveis e uma natureza implacável.

Aqui a mulher vive numa contradição constante: ser indispensável e ser ignorada.

Este capítulo demonstra uma coisa com clareza: dureza não é justiça. Resistência não é liberdade. Sobreviver não é progredir.

E em Oklahoma, com frequência demais, as mulheres não vivem: resistem.

OREGON

Oregon vive da contradição mais sutil dos Estados Unidos: uma imagem limpa, verde, liberal, perfeita para os turistas e para as campanhas políticas, e uma realidade social cheia de rachaduras profundas.

Portland, celebrada como cidade progressista, é também um enorme centro de população de rua, dependência, crise de saúde mental e desigualdade crescente. Fora de Portland, Oregon é um interior isolado em transformação, comunidades brancas extremamente pobres, empregos instáveis, recursos mínimos e tensões latentes.

A mulher aqui desaparece não por falta de papel, mas por sobrecarga:

– famílias com uma única renda – dependências do parceiro – falta de serviços – isolamento geográfico – trabalho precário – custos excessivos – falta de proteção real

Oregon é lindo de ver, mas duro de viver.

A Mulher de Portland – 29 anos

Julia mora no East Side de Portland. Trabalha numa loja de produtos naturais, mal consegue pagar o aluguel e divide a casa com outras duas pessoas.

Portland se apresenta como uma cidade "aberta, sensível, social", mas a verdade é feita de: – ruas cheias de pessoas sem-teto – crise de saúde mental por toda parte – serviços congestionados – empregos de salário baixo – aluguéis que não param de subir. Julia é uma daquelas pessoas que a cidade usa como símbolo do seu "espírito jovem", mas a trata como um número anônimo.

A ausência dela é social: está em todas as discussões, mas em nenhuma das soluções.

A Imigrante no Setor da Restauração –

34 Anos Rosa chegou da Guatemala. Trabalha na cozinha de um restaurante sempre cheio, sempre barulhento, sempre tenso.

Dez horas por dia, seis dias por semana. Salário baixo, nenhum plano de saúde, suor constante, calor e barulho.

Muitos colegas homens acham que podem brincar como bem entendem. Não fazem isso por maldade; fazem por ignorância e por tradição. Mas pesa sobre ela. Ela é consumida por comentários, olhares e piadas pesadas.

Fora do trabalho, manda dinheiro para os parentes. Dentro, mantém tudo de pé.

A ausência dela é econômica e cultural: ela faz girar um setor inteiro, mas continua invisível para todos.

A Mulher Rural – 52 anos

No leste do Oregon, há cidadezinhas que parecem paradas em 1985. Poucas casas, estradas longas, invernos rigorosos e sinal de celular falho.

Karen mora numa delas. Tem uma pequena fazenda, alguns animais e um trabalho extra numa loja. Faz tudo sozinha. Quando precisa de um médico, tem de dirigir uma hora. Quando precisa de qualquer serviço, tem de marcar com dias de antecedência. Quando algo dá errado, não há ninguém por perto.

A ausência dela é geográfica: ela vive longe do mundo, e não por escolha.

A Mulher Que Sustenta uma Família Destruída pela

Dependência – 43 Anos Oregon é um dos estados com as taxas de dependência mais altas. Opioides, metanfetaminas, álcool. Uma avalanche lenta que nunca para.

Tessa tem um companheiro que agora está perdido. Dois filhos pequenos. Um emprego de caixa num supermercado. Todos os dias ela precisa proteger as crianças, lidar com um homem que já não reconhece, manter as contas em ordem e lutar contra um sistema que não oferece soluções.

A ausência dela é institucional: a sociedade fala de “crise” há anos, mas nada muda para quem a vive dentro de casa.

Epílogo – Oregon

Oregon é um estado que se vende bem, mas se protege mal.

As mulheres vivem entre dois extremos: – um progressismo estético – uma realidade social agressiva.

É ela quem aguenta o impacto da desigualdade, quem sustenta famílias frágeis, quem trabalha nos setores mais explorados, quem sustenta comunidades esquecidas pela política.

A beleza do Oregon não basta para salvá-lo.

Reflexão – Oregon

A ausência das mulheres no Oregon nasce de uma verdade nua e crua: não basta dizer que se é moderno para sê-lo.

As mulheres aqui pagam três preços: – o custo de vida – o trabalho precário – o isolamento social e geográfico.

É uma ausência que não nasce de um conflito direto, mas de um desinteresse geral.

E este capítulo deixa claro: por trás dos bosques, das montanhas, dos lagos perfeitos, existe uma América que não funciona. E isso pesa inteiramente sobre as mulheres.

PENSILVÂNIA

A Pensilvânia é um dos estados mais divididos dos Estados Unidos. De um lado, as grandes cidades — Filadélfia e Pittsburgh — impregnadas de história, desigualdade, renascimentos incompletos e comunidades que ainda carregam feridas abertas. Do outro, um interior rural e conservador, fazendas, minas fechadas, cidadezinhas paradas e mentalidades antiquadas.

Aqui as mulheres desaparecem de quatro maneiras: – nos subúrbios pobres – nas comunidades afro-americanas marcadas pela violência – no interior estagnado – nas cidades modernas que as consomem.

A Pensilvânia é um estado que não perdoa quem nasce com pouco. E as mulheres, como sempre, são as que pagam o preço mais alto.

A Mulher dos Subúrbios Pobres da Filadélfia

– 34 anos Shan mora em North Philadelphia. É um bairro difícil, com escolas em apuros e ruas onde se sente a tensão até em plena luz do dia.

Ela trabalha numa loja de descontos. Tem uma filha de seis anos. Toda manhã a leva à escola com uma mistura de esperança e medo: esperança de que ela tenha um futuro melhor, medo de que o bairro a engula.

Os salários são baixos, os custos são altos, os serviços são insuficientes. A cidade celebra o seu "renascimento", mas o renascimento nunca chega à casa dela.

A ausência dela é urbana: vive no ponto exato em que a cidade decide quem merece atenção e quem não merece.

A Mulher do Rust Belt de Pittsburgh – 48 anos

Pittsburgh virou "tech", "universitária" e "inovadora". Mas a cidade operária não desapareceu: só se mudou para os subúrbios, onde ninguém olha.

Linda era soldadora. Quando a fábrica fechou, só encontrou trabalhos de meio período: supermercados, limpeza e serviços.

A transformação econômica premiou os jovens com alta escolaridade. Não mulheres como ela.

A ausência dela é industrial: a nova cidade não deu lugar a quem construiu a antiga.

A Mulher Rural – 55 anos

Fora das cidades, a Pensilvânia é outro país: colinas, fazendas, cidadezinhas minúsculas, igrejas por toda parte, uma mentalidade que não muda há gerações.

Mary cresceu aqui. Tem uma casa, um pedaço de terra, um marido que trabalha de vez em quando e filhos já adultos.

Ela faz tudo: – a casa – os animais – as contas – a cozinha – o cuidado dos idosos – a ponte entre as famílias.

Ela é respeitada, claro. Mas como função, não como indivíduo.

A ausência dela é cultural: todo papel já está escrito.

A Imigrante de Allentown – 37 anos

Allentown está cheia de imigrantes latinos, africanos, árabes e asiáticos. A economia depende deles.

Rime trabalha numa fábrica, no turno da manhã. O marido trabalha no turno da noite. Eles se veem só algumas horas por dia.

O salário nunca basta, o trabalho é braçal, as linhas de montagem são barulhentas e implacáveis.

Ela fala duas línguas, cria três filhos e faz turno dobrado quando é preciso. A ausência dela é econômica e linguística: é uma presença indispensável na cidade, mas não existe para quem toma as decisões.

Epílogo – Pensilvânia

A Pensilvânia é um estado que vive no meio: metade moderno, metade parado, metade rico, metade pobre, metade progressista, metade preso ao passado.

As mulheres vivem nas rachaduras. E seguram tudo o que está desmoronando famílias, escolas, bairros, economias frágeis.

Mas o sistema a considera uma figurante, nunca uma protagonista.

Reflexão – Pensilvânia A ausência das mulheres na Pensilvânia nasce de uma distância interna: a distância entre o que o estado foi e o que gostaria de ser.

As grandes cidades consomem, o interior encolhe, as economias intermediárias se soltam.

A mulher acaba esmagada no centro, onde ninguém olha de verdade.

Este capítulo deixa claro: o cansaço não é uma emergência de um dia, é a norma diária de milhares de mulheres.

RHODE ISLAND

Rhode Island é uma miniatura de tudo o que funciona e de tudo o que quebra na América: – cidades costeiras caras – subúrbios pobres – indústria desaparecida – enormes comunidades de migrantes – serviços limitados – contrastes sociais gritantes.

Providence é o seu centro: cultural, acadêmico e artístico. Mas ao lado das universidades está uma das pobrezas urbanas mais subestimadas do Leste. Fora da cidade, cidadezinhas sobrevivem

de trabalhos mínimos, da navegação sazonal e de indústrias que não voltam.

A mulher aqui desaparece por compressão:

tudo custa caro demais, tudo é perto demais, tudo é pequeno demais para escapar.

A Mulher Latina de Providence – 30 anos

Marisol mora no South Side, um dos bairros mais pobres da cidade. Trabalha limpando escritórios de madrugada e restaurantes à noite. Dois empregos, nenhuma segurança.

Providence gosta de se chamar de "cidade criativa". Para ela, criatividade significa simplesmente fazer as contas fecharem.

Ela não tem plano de saúde. Não tem férias. Não tem margem.

A ausência dela é econômica e linguística: ela trabalha como três pessoas, mas para o Estado é uma estatística.

A Mulher Que Estuda e Trabalha – 22 anos

A Brown University atrai estudantes do mundo inteiro. Mas quem vem de famílias modestas vive uma outra Rhode Island.

Rachel estuda sociologia, trabalha numa biblioteca, trabalha como bartender nos fins de semana e divide uma quitinete caríssima.

Ela é inteligente, capaz, determinada, mas está sob uma pressão enorme: – estudo – trabalho – dívidas – futuro incerto.

A ausência dela é acadêmica: a universidade celebra a diversidade, mas não protege quem junta estudo e sobrevivência.

A Mulher da Costa Sazonal – 41 anos

Newport é linda para quem a visita. Um desastre para quem mora lá o ano inteiro.

Tanya trabalha no verão num restaurante do porto. No inverno, procura qualquer trabalho disponível: lojas, limpeza, pequenos contratos.

Turistas ricos, moradores pobres.

A ausência dela é sazonal: ela é indispensável durante três meses, invisível nos outros nove.

A Mulher da Cidadezinha – 54 anos

Fora de Providence existe uma Rhode Island esquecida: velhas fábricas têxteis, prédios vermelhos, ruas desgastadas. Linda trabalha numa lavanderia industrial. Movimentos repetitivos, vapor quente, turnos que não acabam nunca.

Os salários são mínimos, o trabalho é pesado, o futuro continua igual.

A ausência dela é industrial: ela trabalha à sombra de um passado econômico que nunca vai voltar.

Epílogo – Rhode Island

Rhode Island é pequena, mas os seus problemas são enormes: aluguéis altos, salários baixos, oportunidades limitadas.

As mulheres vivem esmagadas por tudo isso. Sempre na linha de frente, nunca protegidas.

Reflexão – Rhode Island

A ausência das mulheres aqui nasce de um paradoxo: um estado minúsculo, incapaz de proteger quem quer que seja.

É uma ausência feita de microespaços e de micro-oportunidades: pequenos demais para subir, estreitos demais para escapar.

E nesses espaços sufocados, as mulheres governam um estado inteiro que as considera parte da paisagem.

CAROLINA DO SUL

A Carolina do Sul é um estado de contrastes gritantes: praias perfeitas e pobreza extrema, história colonial e comunidades negras ainda pobres, cidades em crescimento e subúrbios estagnados, turismo de cartão-postal e empregos mal pagos. É um dos lugares onde as mulheres carregam o fardo mais pesado, entre tradição, religião, família, custos proibitivos e serviços precários. E é também um dos estados onde a liberdade das mulheres ainda é debatida, limitada e controlada.

A Carolina do Sul se veste bem quando precisa, mas a sua espinha dorsal é sustentada por mulheres que ninguém vê.

A Mulher Afro-Americana do Lowcountry – 36

anos

Amina mora em Charleston, numa comunidade Gullah Geechee. Carrega uma herança cultural imensa: uma história de escravidão, resistência e identidade preservada apesar de tudo.

Ela trabalha num restaurante turístico no centro. Serve pratos inspirados na sua cultura a pessoas que não sabem nada da sua história.

Ela é mãe, filha e trabalhadora. Faz turnos longos, ganha um salário alto para a cidade, mas baixo para viver aqui, porque Charleston ficou cara demais para quem nasceu lá.

A ausência dela é histórica e urbana: a história dos negros aqui é a base de tudo, mas continua fora da narrativa oficial.

A Mulher Branca do Sul Conservador – 42

anos

Megan mora numa área rural entre Anderson e Greenwood. A família dela é conservadora, a igreja é central e a comunidade é fechada. Aqui, as regras não estão escritas, mas são mais rígidas do que a lei. O marido trabalha na construção civil, ela trabalha como caixa numa loja de departamentos.

Cada escolha é pesada: como se vestir, o que dizer, o que pensar. O divórcio é considerado um escândalo. Não ter filhos é pecado. Pedir autonomia é "falta de fé".

A ausência dela é cultural: ela vive num papel decidido por outros, e mudá-lo significa perder tudo.

A Mulher do Turismo em Myrtle Beach – 29 anos

Jamie trabalha num hotel da costa. Recepção no verão, limpeza no inverno, o que for preciso.

Myrtle Beach parece um paraíso para quem a visita, mas é uma gaiola para quem trabalha lá: salários baixos, aluguéis altos, sazonalidade total, estabilidade zero.

Jamie mora num apartamento pequeno e dividido. Trabalha seis dias por semana. E quando a temporada termina, precisa torcer por um inverno ameno.

A ausência dela é econômica: tudo gira em torno dos turistas; nada gira em torno dos moradores.

A Mulher sem Plano de Saúde – 55 Anos

A Carolina do Sul é um dos estados com menos acesso à saúde. Muitas mulheres que trabalham não têm plano de saúde. Muitas abrem mão de cuidados essenciais. Linda trabalha como faxineira numa clínica. Vê a saúde por dentro todos os dias, mas não pode pagá-la para si mesma.

Ela tem dores crônicas nas mãos, mas não pode parar. Tem medo de fazer um check-up, porque sabe que não pode pagar o tratamento.

A ausência dela é uma questão de saúde: ela trabalha em torno do cuidado dos outros e não tem direito ao seu.

Epílogo – Carolina do Sul

A Carolina do Sul é um estado que vive em tensão constante entre modernidade e tradição, entre riqueza visível e pobreza escondida.

As mulheres pagam por todas as contradições: – religião rígida – papéis fechados – turismo explorador – racismo enraizado – saúde inacessível – salários baixos demais.

Ela é uma coluna de sustentação, mas é tratada como um pequeno enfeite.

Reflexão – Carolina do Sul

Aqui, a ausência das mulheres nasce do entrelaçamento perfeito de: uma história pesada, uma religião dominante e uma economia frágil.

As mulheres vivem presas entre passado e presente: o passado as limita, o presente as consome, e o futuro não está garantido.

E este capítulo serve para expor a verdade nua: a Carolina do Sul não é lenta porque quer. É lenta porque não quer mudar. E quem paga por essa inércia são sempre as mulheres.

Ferdinando Frega